

Cura numa comunidade ribeirinha daimista: a divisão do trabalho entre a curadora e o padrinho

Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

Marina Guimarães Vieira – Museu Nacional/Rio de Janeiro

Resumo

O trabalho proposto é um ensaio baseado na pesquisa etnográfica que vem sendo realizada junto aos moradores da comunidade São José, localizada às margens do rio Purus, na Reserva Extrativista Arapixi, no sul do Estado do Amazonas. Esta comunidade conta com a presença de dona Maria, uma médium/curadora que realizava sessões de trabalho espiritual e cura até o fim dos anos 1980. Nesta época o senhor Raimundo, patriarca da comunidade, conheceu a doutrina do santo daime e a apresentou aos parentes, que se tornaram daimistas. Ele é hoje o padrinho da igreja do santo daime existente na comunidade. As sessões deixaram de ser realizadas por dona Maria, que hoje trabalha com seus guias espirituais no âmbito dos trabalhos do santo daime. Na juventude, dona Maria sofria de “ataques” e desmaios, e seu Raimundo sofria do coração. Buscarei descrever os itinerários terapêuticos percorridos pela médium/curadora e pelo padrinho da igreja do santo daime da comunidade São José em busca de cura. Serão abordados os processos de cura que culminaram na iniciação espiritual destes dois sujeitos, constituindo-se igualmente como processos de construção da pessoa. Será descrita a divisão do trabalho entre a médium/curadora, que é especialista na relação com os espíritos, e o padrinho, que é quem recebe os hinos do astral, sintetiza o conhecimento doutrinário e comanda a igreja do santo daime.

Pretendo, neste trabalho, expor alguns dados etnográficos relacionados à cura na comunidade São José, localizada na Reserva Extrativista Arapixi, no sul do Estado do Amazonas, município de Boca do Acre. Este é um texto preliminar, pois faz parte de uma pesquisa em andamento. A comunidade São José é composta por oito casas habitadas por famílias nucleares, uma escola (que funciona na casa do professor) e uma rústica igreja do santo daime, onde são realizados os trabalhos espirituais. Dentre estes há os hinários, que são trabalhos de caráter mais festivo realizados nos dias de determinados santos, no aniversário de alguém importante entre os daimistas ou em datas especiais para os cristãos como a páscoa ou o natal. Há os trabalhos de São Miguel, quando os caboclos e encantados podem vir auxiliar os daimistas na cura, e os trabalhos de concentração, quando é realizada uma espécie de meditação silenciosa com aproximadamente uma hora de duração. Todos estes trabalhos consistem no consumo do chá do santo daime, também conhecido como *ayahuasca*, e no canto de hinos por todos os participantes. A *ayahuasca* é preparada a partir do cipó jagube e da folha chacrona, sendo originalmente utilizada por grupos indígenas da Amazônia ocidental.

De acordo com Manuela Carneiro da Cunha (1998) e Luiz Eduardo Luna (2004)¹, o uso ritual da *ayahuasca* está associado ao “curandeirismo” e à pajelança praticada por diferentes especialistas na intermediação entre a floresta e os núcleos rurais e urbanos da Amazônia ocidental. Labate (2004) destaca o trabalho de vários estudiosos que consideram o santo daime como uma forma de xamanismo desenvolvida nos centros urbanos². O C.R.F., Centro de Regeneração e Fé foi a primeira igreja do santo daime, criada por mestre Irineu por volta de 1930 em Brasiléia, cidade acreana que faz fronteira com a Bolívia. Irineu era um maranhense que foi trabalhar como seringueiro nas matas da fronteira entre Bolívia e Acre. Geralmente, os daimistas contam que ele tomou a *ayahuasca* pela primeira vez com os índios. Segundo um morador da comunidade São José, a virgem Maria falou para um dos índios que Irineu tinha uma missão e que ele deveria passar oito dias na mata só comendo macaxeira insosa e tomando *ayahuasca*, sem ver nenhum “rabo de saia”. O índio passou a

¹ Ver também Gow (1996) e Monteiro da Silva (2004), entre outros.

² Ver Labate (2004:240-242) para as considerações de vários autores sobre o santo daime como sistema xamânico.

mensagem para Irineu, que atendeu ao chamado. Um informante me disse que, durante a temporada na mata, a virgem aparecia para o mestre Irineu e dizia “como ele tinha que fazer as coisas, foi passando a doutrina, passando os hinos”³. Segundo Labate (2000:31), ele teria dito à santa que desejava tornar-se um “grande curador”.

Em 1945 mestre Irineu mudou sua igreja para Rio Branco e passou a chamá-la CICLU - Centro de Iluminação Cristã Universal. A igreja passou a ser conhecida como Alto Santo. Quando mestre Irineu faleceu, em 1971, houve algumas disputas entre seus possíveis sucessores. Alguns novos centros foram criados por dissidentes da igreja original, conservando a designação Alto Santo.

Em 1965 o amazonense Sebastião Mota de Melo chegou ao Alto Santo em busca de cura. Segundo Labate (2000:32), antes de procurar o Alto Santo este homem - que viria a ser conhecido como padrinho Sebastião - já tinha sido iniciado pelo mestre Oswaldo, e incorporava guias espirituais da linha do espiritismo kardecista. Alguns moradores da comunidade São José me disseram que antes de conhecer o santo daime padrinho Sebastião já era “curador” e “trabalhava com sessão”. Labate afirma que padrinho Sebastião passou a ocupar uma posição de destaque no Alto Santo, recebendo autorização do mestre Irineu para produzir seu próprio daime. Após a morte de mestre Irineu, padrinho Sebastião não aceitou a liderança de um de seus sucessores e retirou-se do Alto Santo, fundando sua própria igreja do santo daime, o CEFLURIS - Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco, num local denominado km. 5.000. Em 1983 padrinho Sebastião mudou-se junto de 250 seguidores para uma terra cedida pelo INCRA às margens do Igarapé Mapiá, afluente do rio Purus, onde fundou a comunidade daimista Céu do Mapiá. Desde fins dos anos de 1970 o CEFLURIS vem recebendo a visita de viajantes e curiosos vindos de centros urbanos distantes do Acre, e hoje tem igrejas espalhadas por diversas cidades no Brasil e no exterior.

A igreja da comunidade São José é ligada ao CEFLURIS. A maior parte dos moradores da comunidade já passou algum tempo no Céu do Mapiá visitando parentes,

³ De acordo com Labate e Pacheco (2004:318), as “santas doutrinas” representam a cosmologia daimista como um todo. Eles observam que doutrina é o termo usado no Maranhão para as cantigas de tambor de mina, pajelança e terecô, associadas a entidades (ex: “doutrina de Badé”) ou a momentos rituais (ex: “doutrina de cura”). Os hinos do santo daime são, para os autores, doutrinas não só no sentido de trazer ensinamentos e preceitos, mas de apresentá-los na forma de música cantada.

participando de trabalhos do santo daime e trabalhando como diaristas para as pessoas vindas dos grandes centros urbanos.

Os moradores da comunidade São José se tornaram daimistas no fim dos anos 1980. Dizem que hoje são ainda mais verdadeiramente católicos do que já eram antes de conhecer o santo daime. Contam que nesse tempo havia muitos curadores que “trabalhavam com sessão” nos seringais do Purus.

Autores como Eduardo Galvão (1955) e Mark Harris (2006) afirmam que, após a expulsão dos missionários jesuítas da Amazônia em 1770, elementos do xamanismo indígena e do catolicismo popular teriam se amalgamado. Harris (2006) acredita que em fins do sec. XVIII e ao longo do sec. XIX teria florescido na Amazônia uma religião popular que vinha a ser um “xamanismo na forma de devoção aos santos católicos”. A forma ritual principal deste tipo de xamanismo difundido entre “caboclos” e indígenas amazônicos e denominado pajelança por alguns autores é a sessão. Nela os chamados curadores(as), médiuns ou pajés, que podem ser homens ou mulheres, “trabalham” com espíritos auxiliares com o objetivo de realizar curas. Galvão (1955:187) observa que: “o xamanismo ou pajelança (...) foi acrescido de elementos como as orações cristãs, o controle dos santos pelos pajés ou a inclusão dos santos na categoria de espíritos familiares, passíveis de controle tal como os sobrenaturais da água e da mata (...)”. Segundo o autor, o caboclo amazônico não classifica as sessões com curadores como práticas de origem indígena, “são parte de sua religião católica”. (Galvão, 1955:163)

Nas descrições de Galvão, as sessões sempre contam com uma mesa onde o curador coloca uma toalha branca, imagens de santos, velas e outros objetos que têm poderes mágicos. Novaes da Mota (1996) afirma que a “mesa” é uma “prática médica” muito difundida por toda a América. Ela observa a existência da prática da mesa na região andina do Peru, onde as pessoas se juntam para tomar o chá do cactus San Pedro. Afirma que a prática da mesa também é muito difundida nos sertões nordestinos, de onde vem grande parte das pessoas que foram trabalhar como seringueiros na Amazônia. O próprio mestre Irineu saiu do interior do Maranhão para trabalhar como seringueiro nas matas acreanas.

Dona Maria, uma das moradoras mais idosas da comunidade São José, é reconhecida como médium ou curadora e realizava sessões antes de seus parentes “entrarem na doutrina do santo daime”. Como me contaram seus filhos e netos, dona

Maria colocava alguns santos na mesa e trabalhava com alguns seres encantados. Nas palavras de sua neta:

“Ela tinha a sua guia e vinham também os companheiros dela. Eram seres da água. Cada espírito tem um hino e o hino é ele mesmo que ensina. Tinha os caboclos, que são índios que viveram na terra, alguns hinos eram até em língua de caboclo⁴. No trabalho com os caboclos tinha tabaco e cachaça, que os índios gostam de uma cachaça. Cada caboclo tinha uma espada⁵ de uma cor. Era só minha avó colocar a espada que o caboclo chegava. Tinha uns que gostavam de coroa de pena também.”

Nas sessões, dona Maria curava pessoas com massagens, sopros, rezas⁶. Sua neta conta que “os seres que chegavam nela” curavam as pessoas usando a espada. Mas antes de se tornar curadora, dona Maria precisou ser curada por uma médium durante trabalhos de sessão.

Quando os encantados exercem sua atração sobre uma pessoa, ela pode não se encantar, mas provavelmente adoecerá. Dona Maria conta que sofria de “ataques” quando era jovem, que “morria” (desmaiava) e ficava espumando pela boca. Um dia foi lavar roupa no rio, ficou com medo da água e não saiu de dentro da canoa. Pouco depois de chegar em casa, resolveu correr para a água e seu marido a segurou. Ela foi levada a uma sessão para se consultar com uma curadora que morava nas proximidades, e descobriu que desmaiava porque havia “seres da água entrando nela”.

Um destes seres era uma encantada chamada Princesa Rita. Contam que tempos atrás morava uma menina muito bonita numa casa que ficava numa curva do rio, próximo à comunidade São José. Um dia, enquanto sua mãe lavava roupa no rio,

⁴Os espíritos auxiliares dos pajés caboclos estudados por Galvão (1955:129) são chamados “companheiros do fundo”. São espíritos ou seres que vivem no fundo dos rios. Têm a forma humana, a pele muito branca e os cabelos louros. São conhecidos por nomes cristãos. Entre os companheiros há um que se destaca como o chefe dos demais. Além dos companheiros do fundo, alguns pajés podem ter também espíritos de índios ou santos como espíritos auxiliares.

⁵ Tecido usado amarrado na cabeça.

⁶ A curadora que ajudou na iniciação de dona Maria sabia “chupar”, ou seja, extrair com a boca objetos do corpo das pessoas colocados por meio de feitiçaria. Dona Maria disse que não aprendeu essa técnica. Atualmente são conhecidos no Purus, nas cidades próximas e em Rio Branco pajés indígenas e não indígenas que realizam este tipo de cura.

alguma coisa chamou sua atenção na água e ela mergulhou. Ninguém conseguiu encontrá-la. Ela se transformou numa cobra grande e hoje mora na curva do rio. Muitas pessoas a viram na forma de cobra. Mas algumas a vêem na forma de uma bela moça, tomando banho numa bacia, na beira do rio. Um dia um rapaz viu essa moça e ficou apaixonado. Quis pular da canoa e ir atrás dela. Se os amigos não o tivessem segurado, ele teria se encantado, ou seja, se transformaria num “ser da água” e ficaria morando no fundo do rio.

Dona Luiza, uma curadora que morava nas proximidades da comunidade São José, descobriu que a princesa Rita queria que dona Maria trabalhasse (trabalhar significa atuar nas sessões com a ajuda de espíritos auxiliares). Se ela não trabalhasse poderia morrer. Dona Luiza começou a “curá-la” durante as sessões, ou seja, prepará-la para trabalhar com os caboclos e encantados. Fazia massagens em dona Maria e conversava com os caboclos que queriam trabalhar com ela.

Em São José me disseram que para a pessoa poder começar a trabalhar com seus caboclos, é preciso que um médium “faça a ligação”. Ou seja, é preciso colocar a espada na cabeça da pessoa pela primeira vez. Dona Luiza colocou a espada na cabeça de dona Maria, fez as massagens e terminou por curá-la. A princesa Rita tornou-se sua guia. Ela é a chefe de uma série de “seres” que trabalham com dona Maria: a princesa Izabel, o Severino, o Zeferino, o Reis-tubarão. Todos são ditos caboclos, seres da água ou encantados. Todos foram pessoas que, para se tornarem encantados, passaram pelo tipo de processo descrito acima para a princesa Rita. Galvão (1955:125-127) descreve casos de pessoas que tinham “ataques”, desmaiavam ou queriam correr para o rio. Segundo o autor, quando alguém tem ataques, é porque os “companheiros do fundo” (encantados que moram no fundo do rio) estão atormentando a pessoa. Ela deve ser levada a um pajé numa sessão, para que ele possa “endireitar os companheiros no corpo”. Se a pessoa não for se tratar com um pajé a “força dos companheiros” pode matá-la. O pajé precisa “dar ao paciente conhecimento dos companheiros que o possuem e ensiná-lo a lidar com eles”, ensiná-lo a “ver”.

O Reis-tubarão é um encantado do mar. Quando ia às sessões - ou hoje aos trabalhos de São Miguel realizados na igreja do santo daime - ele deixa o corpo encantado na beira do rio e chega na sua forma humana, que é como dona Maria o vê.

Durante os trabalhos de São Miguel que frequentei, pude observar que alguns médiuns menos experientes tremem muito e sentem frio quando os seres da água se

aproximam deles. Colocando a mão na cabeça das pessoas, dona Maria é capaz de afastar os seres e as pessoas param de tremer. Quando quer que alguém atue (conceito nativo que designa o que comumente chamamos possessão), dona Maria coloca a mão ou a espada na cabeça da pessoa. Ela vê os seres e fala com eles. Sua neta contou que um dia dona Maria colocou a mão em sua cabeça e disse “vem Jurema”, e então ela não viu mais nada.

Cada encantado de dona Maria tinha uma espada ou coroa da sua cor preferida. Bastava ela colocar o apetrecho na cabeça para o caboclo chegar. Quando dona Maria deixou de realizar as sessões e passou a trabalhar somente na igreja, a princesa Rita não queria tomar daime e fazia sua médium tremer muito, pois como me explicaram, “ela é de outra linha”. Os parentes de dona Maria insistiram até conseguir fazer a encantada tomar o daime, através dela. Perguntei a dona Maria se a princesa Rita foi amansada com o daime. Ela respondeu que sim, e comentou que “as pessoas que trabalham têm que iluminar o seu guia com o daime, têm que ir amansando seus guias”. O chá é considerado pelos daimistas como uma luz divina que cura, limpa e ilumina o espírito de vivos, mortos e encantados.

Num dia de trabalho de São Miguel, um homem matou uma queixada. Ele estava tratando⁷ o animal enquanto na igreja acontecia o trabalho. De repente uma de sua sobrinhas, que estava na igreja, começou a rolar na lama, gritar e bater os dentes como fazem as queixadas. Queria tirar a roupa vermelha que usava, que “para ela era sangue” (o sangue derramado na morte do animal). O espírito da queixada tinha “chegado” nela. Seus parentes lutaram para segurá-la, abriram sua boca e a forçaram a tomar daime. Então ela voltou a si. Quando um espírito ruim ou indesejado “chega” numa pessoa durante um trabalho deve-se fazê-lo tomar daime para que ele vá embora.

Segundo um morador da comunidade: “quando a gente mata um queixada os outros que vivem com ele, os parente dele, sentem falta dele como a gente sente quando um parente da gente morre. Às vezes os parentes do queixada ou a alma do queixada mesmo que morreu vem cobrar”. De acordo com Viveiros de Castro (2002:392), o perspectivismo está associado à valorização simbólica da caça e à importância do xamanismo na Amazônia. O animal caçado e comido pode retaliar um humano em forma de doença, “(...) concebida como contrapredação canibal, levada a efeito pelo

⁷ Tratar um animal é tirar o couro, as vísceras, enfim, preparar a carne para o consumo.

espírito da presa tornada predador, em uma inversão mortal de perspectivas que transforma o humano em animal”.

O caso de inversão de perspectivas acima descrito é chamado atuação⁸ pelos moradores da comunidade São José. Mas a cobrança do animal pode ocorrer também durante uma miração. Alguns caçadores relataram que, durante um trabalho do daime, os animais que caçaram apareceram e falaram com eles que não deveriam ter tirado sua vida. Outros dizem ter sentido no próprio corpo “a dor da morte, o sangue descendo pelo nariz, uma queimadura na cabeça”. Quando o caçador sente a dor sentida pelo animal ao morrer, sua perspectiva é alterada, ele ocupa o ponto de vista da presa.

Quando a transformação sofrida pela pessoa é percebida pelos outros, como no caso da moça que rolou no chão e gritou como uma queixada, esta é chamada atuação. Os parentes da moça disseram que “ela se atuou com uma queixada”, ou que “a queixada chegou nela”. Ouvei muitos casos de espíritos que chegaram em pessoas na igreja sem que elas tivessem controle da situação. Em alguns casos, o ser que chega na pessoa diz seu nome e o que quer. As pessoas dão daime para que o ser se ilumine e ele vai embora. Quando uma pessoa sente-se mal pode ser que um espírito esteja querendo chegar nela. Através de massagens, os curadores podem fazer com que estes seres vão embora, ou podem fazer com que a pessoa realmente “se atue”.

Quando atuam, os médiuns falam com vozes diferentes das suas passando mensagens ou receitas de remédios para as pessoas, dançam e curam através de massagens. Perdem o controle do corpo e muitas vezes não se lembram de nada que tenham feito, pois quem realmente estava agindo era um espírito. Alguns dizem que se lembram de alguns momentos. A moça que se atuou com uma queixada disse que viu muito sangue, e por isso nunca mais conseguiu comer carne.

Durante o trabalho de São Miguel, a cada hino cantado chegam na igreja um ser e seus companheiros. Os médiuns atuam durante a execução dos hinos, que são repetidos enquanto o espírito quiser permanecer no médium. A pessoa “atuada” não fica totalmente inconsciente. Pode-se perceber a presença da pessoa e do espírito, alternadamente. Parecem ficar lado a lado. Assim que o hino pára de ser cantado o espírito deixa o corpo do médium.

⁸ Um caso de atuação involuntária. Espíritos ou seres podem chegar numa pessoa sem que ela tenha controle sobre o fenômeno. Os médiuns, curadores ou pajés aprendem a controlar estas transformações classificadas como possessão por alguns estudiosos da pajelança como Galvão (1955), Labate e Pacheco (2004) e Monteiro da Silva (2004).

Vimos como os pajés ou curadores aprendem a controlar espíritos que inicialmente agiam como seus inimigos, causando-lhes “ataques”. A domesticação de espíritos inimigos e o acesso a seu conhecimento e poder são as principais características do xamanismo indígena ou “caboclo”, tal como descrito por diversos autores. Esta é também uma característica marcante dos trabalhos espirituais do santo daime, que têm como objetivos principais a purificação e iluminação de pessoas humanas e não humanas como os caboclos, encantados, espíritos de mortos e de animais através da luz contida no chá. Os processos de purificação e iluminação são processos de cura e construção da pessoa daimista. Vejamos então como a comunidade São José se tornou uma comunidade daimista.

Seu Raimundo Rocha, um dos patriarcas da comunidade São José, tinha um barco e trabalhava como regatão, trocando mercadorias por borracha ao longo do rio Purus. Durante uma viagem no ano de 1975 foi convidado por um curandeiro do Purus que trabalhava com sessão para experimentar o daime, que “nesse tempo era hoasca⁹”. No trabalho, todos se sentavam no chão da casa do curador e de vez em quando ele cantava um hino. Não tinha mesa¹⁰. Ele cantava hinos de caboclo, como os hinos cantados no trabalho de São Miguel. Há diferentes tipos de hinos, para diferentes tipos de trabalho do santo daime. Há hinos que trazem mensagens sobre os santos, sobre a conduta correta para um daimista, sobre o fim dos tempos, etc., e são geralmente cantados durante os hinários. Nos trabalhos de concentração e de São Miguel são cantados hinos como estes e hinos “de atuação”, que ocasionam a chegada de espíritos na igreja. Somente nos trabalhos de São Miguel são cantados os hinos de caboclo, que são hinos de atuação e chamam grupos específicos de espíritos.

Seu Raimundo contou que quando tomou o chá “foi logo vendo que era coisa do outro mundo, que não era desse”. Viu as almas dos animais e os santos. Com a queda no preço da borracha Raimundo vendeu seu barco e foi para Boca do Acre, onde montou um pequeno comércio por volta de 1987. Lá começou a tomar daime numa igreja ligada ao Céu do Mapiá, dirigida por um seguidor do padrinho Sebastião. Achou o trabalho “muito sério e bonito” e que “o daime era uma coisa de futuro”, e resolveu levar para a

⁹ A ayahuasca é também conhecida como hoasca por alguns usuários.

¹⁰ Esta forma de tomar ayahuasca me lembrou os rituais dos quais participei entre os Manchineri e os Kulina. Assemelha-se também à forma como tomam os seringueiros da Reserva Extrativista do Alto Juruá, descrita por Janel de Araújo (1998) e Pantoja (2008).

família. Depois de dois anos em Boca do Acre voltou para o lugar onde moravam seus parentes num seringal na margem do Purus, onde se localiza a comunidade São José. Todos tomaram o daime sem medo, e acreditaram que era “uma coisa boa”.

Quando começou a tomar daime, seu Raimundo tinha um problema no coração, às vezes achava que ia parar de bater. Um dia tomou daime na igreja do Mapiá e foi para a fila bailar¹¹. Enquanto bailava, se viu cortado em quatro pedaços no chão. Um “ser espiritual” chegou vestido de médico, tirou seu coração e raspou com um aparelho. Ele disse “isso é o mal que você fez pros seus irmãos”. Raimundo diz ter recebido uma cura. Depois disso não sentiu mais nada no coração. Este tipo de visão é chamado “miração”. Muitas pessoas contam sobre mirações em que se veem de um ponto de vista exterior a si mesmas, geralmente quando têm uma conduta considerada errada. Neste momento, têm a oportunidade de tomar consciência de seus erros e purificar-se através da luz do santo daime.

Na época em que seu Raimundo apresentou o santo daime aos seus parentes, ele levava o chá de Boca do Acre ou do Céu do Mapiá, mas logo aprenderam a prepará-lo. Só ele e a esposa cantavam os hinos que sabiam, mas com o tempo e as visitas ao Mapiá os demias foram aprendendo.

Os hinos, que sintetizam a doutrina do santo daime, são recebidos por algumas pessoas de seres do “astral”. Foi assim que mestre Irineu recebeu os primeiros hinos da virgem Maria. Quando uma pessoa recebe uma grande quantidade de hinos ela passa a ter seu hinário, que pode ser aprendido e cantado pelos daimistas. A pessoa que consegue formar um hinário muitas vezes recebe um chamado espiritual para liderar uma igreja passando a ser chamado de padrinho por seus seguidores. Seu Raimundo é realmente padrinho de batismo ou de fogueira¹² de muitas pessoas na comunidade, sendo chamado padrinho também por aqueles que o consideram “padrinho de religião”. Ele recebeu mais de duzentos hinos de vários seres do astral. Seu primeiro hinário se chama Estrela Azul e o segundo se chama Mensagem de São Luiz. Os hinos do primeiro hinário foram todos mandados por diferentes seres espirituais, mas os do segundo foram todos mandados por São Luiz. O santo aparecia para seu Raimundo e

¹¹ Em alguns trabalhos há uma espécie de dança chamada bailado feita em filas de homens de frente para filas de mulheres com passos simples e ritmados.

¹² Durante as festas juninas, as pessoas podem convidar alguém para ser seu padrinho ou madrinha. O vínculo é consumado quando padrinhos e afilhados pulam uma fogueira recitando alguns versos.

cantava o hino para ele. Para não serem esquecidos, os hinos recebidos são escritos. Os livrinhos e cadernos são essenciais nos trabalhos do santo daime, para que as pessoas alfabetizadas possam acompanhar os hinos e orações que não memorizaram. Os hinários impressos no Mapiá foram um importante veículo de aprendizado da geração mais jovem alfabetizada. Os jovens levam os hinários para a igreja e sabem cantar mais hinos que os adultos.

O padrinho Raimundo exerce hoje um papel de liderança política e espiritual na comunidade. É o líder da igreja, que comanda os trabalhos espirituais puxando os hinos a serem cantados e zelando pela ordem. Chama a atenção das pessoas que não estão tendo um bom comportamento e dá conselhos.

Quando seu Raimundo era regatão era ele quem fornecia mercadorias para seus parentes, que assim tornavam-se seus fregueses. O trabalho de regatão já colocava seu Raimundo numa posição de mediador entre a floresta e a cidade. Ele fazia a ponte entre o interior e o exterior da comunidade, levando a borracha local e trazendo mercadorias. A novidade do santo daime e uma nova forma de contato com o exterior – tanto com o “astral” ou “mundo espiritual”, quanto com o Céu do Mapiá – foi também fruto do trabalho diplomático de seu Raimundo.

Quando pergunto para as filhas(os), noras(os) e netas(os) de dona Maria com quem aprenderam a fazer os chás, banhos e defumações que usam para limpeza espiritual, proteção e cura, elas(es) afirmam que foi com as pessoas do Mapiá. Tudo se passa como se antes do daime as pessoas da comunidade não tivessem este tipo de conhecimento, mas essas eram justamente as técnicas utilizadas por dona Luiza e dona Maria em seus trabalhos como curadoras. Uma neta de dona Maria disse que a principal diferença entre as sessões e o trabalhos de São Miguel são os hinos. Nas sessões eram cantados hinos mais curtos. Mas quando peço para me ensinarem algum destes hinos, todos, até mesmo dona Maria, afirmam terem se esquecido de como eram. Apesar de ser constantemente requisitada para realizar curas com a ajuda de seus caboclos, dona Maria tem seu conhecimento marginalizado perante o que vem do Mapiá e do seu Raimundo, padrinho da igreja local reconhecida pelo Céu do Mapiá.

Os moradores da São José afirmam que o daime é mais “espiritual” que as sessões, pois não só os médiuns, mas “todos se atuam” em diferentes graus, conforme o “merecimento”, o “dom” ou a “força”. Ou seja, todos podem ter contato direto com o mundo espiritual em determinado grau, através das mirações. Todos podem

experimentar um pouco da faculdade de “ver”, antes reservada apenas aos curadores. Além disso, os moradores da São José dizem que se tornaram mais católicos após conhecerem o santo daime. Se antes não tinham praticamente nenhum contato com alguém que possui um conhecimento doutrinário e as técnicas dos sacramentos como o padre, hoje têm o padrinho, que pode dar sermões (palestras) sobre a doutrina, fazer casamentos e batizados. Se a bíblia era algo raro de se encontrar e de leitura inacessível com suas palavras desconhecidas, hoje há os hinários conseguidos no Mapiá e até mesmo produzidos a caneta num caderno, como os hinários de seu Raimundo. Hoje há uma igreja, um padrinho que desempenha as funções do padre, e um maior contato com a leitura e a escrita através dos hinários, que apresentam uma semântica e uma sintaxe locais. Desta forma, os moradores da comunidade São José sentem-se hoje mais “sabidos” e mais aptos a lidar com o mundo exterior.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1998. “Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução.” *Revista Mana*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p.7-22.

GALVÃO, Eduardo. 1955. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GOW, Peter. 2001. *An Amazonian myth and its history*. New York: Oxford University.

HARRIS, Mark. 2006. “Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo.” In: C. Adams, R.Murrieta, W.Neves (orgs.) *Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume.

JAHNEL de ARAÚJO, Maria Gabriela. 1998. *Entre almas, encantos e cipó*. Unicamp. (Dissertação de mestrado).

LABATE, Beatriz Caiuby. 2000. A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Unicamp. (Dissertação de mestrado).

LABATE, Beatriz e Pacheco, Gustavo. 2004. “Matrizes maranhenses do santo daime.” In: B. Caiuby Labate, W. Sena Araújo (orgs.) *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das Letras.

LUNA, Luiz Eduardo. 2004. “Xamanismo amazônico, *ayahuasca*, antropomorfismo e mundo natural.” In: B. Caiuby Labate, W. Sena Araújo (orgs.) *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das Letras.

MONTEIRO da SILVA, Clodomir. 2004. “O uso ritual da ayahuasca e o reencontro de duas tradições: a miração e a incorporação no culto do santo daime.” In: B. Caiuby Labate, W. Sena Araújo (orgs.) *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das Letras.

NOVAES da Mota, Clarice. 1996. “Sob as ordens da Jurema: o xamã kari-xocó.” In: E. Landon (org.) *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Editora da UFSC.

PANTOJA, Mariana Ciavatta. 2008. *Os Milton: cem anos de história nos seringais*. Rio Branco: Editora da Universidade Federal do Acre.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 2002. Perspectivismo e Multinaturalismo na América indígena. In: *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify.